

A SEMANA – 186*

22 de dezembro de 1895

Se a semana que ora acaba, for condenada perante a eternidade, não será por falta de acontecimentos. Teve-os máximos, médios e mínimos. Toda ela foi de orçamentos e impostos novos. Criou-se um segundo partido político.¹ A mensagem de Cleveland estourou como uma bomba, entre o mundo novo e o velho.² Chegou a proposta de arbitramento para o negócio da ilha da Trindade. Juntai a isto os discursos, os boatos, as denúncias de contrabando, as divergências de opiniões, e confessai que poucas semanas levarão a alcofa tão cheia.

A questão dos impostos, força é dizê-lo, sendo a mais imediata, é a que menos tem agitado os espíritos. Em verdade, as outras são maiores, e entendem com interesses mais altos. Impostos revogam-se ou cerceiam-se um dia. A Trindade tem de ser resolvida eficaz e perpetuamente. A doutrina de Monroe pode alterar a situação política

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXI, n. 356, p. 1, 22 dez. 1895) e SEM1953 (v. 3, p. 64-70). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

¹ A *Gazeta de Notícias* do dia 16 dez. 1895 (ano XXI, n. 350, p. 2, col. 2-3) dedicou longa matéria à criação do “Partido Republicano Democrático”, cujo programa estabelecia clara oposição ao “Partido Republicano Federal”: “Ao abrir a sessão [de criação do partido], o Sr. Marechal Almeida Barreto [primeiro presidente do partido] expôs o fim para que havia sido convocada a reunião. Tinha ela por objeto, disse S. Ex., a criação de um partido político que, congregando todos os elementos de força e prestígio políticos esparsos nesta capital e nos Estados, possa opor-se com eficácia ao partido republicano federal, que, apresentando-se à nação com o programa de sustentar a Constituição e a verdade eleitoral em toda a sua pureza, não tem feito outra coisa que infringir aquela e falsear esta.”

² Em 17 de dezembro de 1895, o presidente norte-americano Stephen Grover Cleveland (1837-1908) enviou uma mensagem ao Congresso (*Special message to the Congress*) sobre a crise Inglaterra-Venezuela – que fora motivada por conflitos fronteiriços entre este país e a Guiana Inglesa –, na qual justificava a validade jurídica da Doutrina Monroe. (A mensagem pode ser lida em: <<https://www.presidency.ucsb.edu/documents/special-message-631>>.) Em tom belicoso, Cleveland sugeria que os norte-americanos poderiam ir à guerra contra a Inglaterra caso o conflito anglo-venezuelano não se resolvesse de maneira satisfatória para venezuelanos, e norte-americanos. A mensagem teve ampla repercussão em jornais europeus e americanos. (Cf. KAMPF, 2016, p. 129-130) A *Gazeta de Notícias* (ano XXI, n. 355, p. 1, col. 3) publicou no dia 21 dez. 1895, um dia antes da publicação desta crônica, uma matéria sobre a “Doutrina de Monroe”, em que discutia a mensagem de Cleveland e suas implicações no conflito anglo-brasileiro, envolvendo a ilha da Trindade. Sobre esta última questão, relativa à ilha, ver nota 10 da crônica “A Semana – 183”.

do mundo, e trazer guerra, a não ser que traga paz. O futuro descansa nos joelhos dos deuses. Creio que isto é de Homero.³

Dos impostos, o único discutido nas folhas públicas é o que recai sobre produtos farmacêuticos. As drogas importadas vão pagar mais do duplo, a ver se as da terra se desenvolvem. Um boticário já me avisou que hei de pagar certo remédio por mais do dobro do que ora me custa, e não é pouco. Deste cidadão sei que há cerca de dois anos tentou fazê-lo no próprio laboratório, mas saiu-lhe uma droga muito ordinária, como me confessou e eu acreditei. A não ser que alguém falsifique o preparado e o dê por pouco menos, não me resta mais que dispensá-lo e beber outra coisa.

Eu, quando quero dizer algum disparate que não magoe o próximo, costumo anunciar que a farmácia há de ser a última religião deste mundo. E dou por fundamento que o homem estima mais que nenhuma outra coisa a saúde e a vida, e não precisa que a farmácia lhe dê uma e outra, basta que ele o suponha. Não nego que o homem tenha necessidades morais; concedo o vigário, mas não me tirem o boticário. E assim vou rindo por aí adiante, sem grande dispêndio de ideias. Uma ideia só, renovada pela ocasião, pela disposição, pelos ouvintes, dá muito de si. Há tal, que o próprio autor supõe inteiramente nova.

Pois, senhores, estou com vontade de me declarar, não cismático, que é escolher entre a droga importada e cara e a fabricada aqui mesmo e pouco menos cara, mas ateu, totalmente ateu. Se a saúde vai subir tanto de preço, melhor é ficar com a doença barata. Padece-se, mas sempre haverá com que matar uma galinha para a dieta. E – quem sabe? pode ser que a saúde tenha mudado de domicílio, nos saia de qualquer outro armazém ou dos ares da Tijuca. Caso haverá em que ela resida em nós mesmos, salvo a parte enferma, e vai senão quando, amanheçamos curados.

Quando o cólera-morbo⁴ aqui apareceu, não sei se da primeira, se da segunda vez, morreu muita gente. Era eu criança, e nunca me esqueceu um farmacêutico de grandes barbas, que inventou um remédio líquido e escuro contra a epidemia. Se curativo ou preservativo, não me lembro. O que me lembra, é que a farmácia e a rua estavam cheias de pessoas armadas de garrafas vazias, que saíam cheias e pagas. O preço era do tempo em que os medicamentos também se vendiam por moedas fracionárias; havia remédios de 200 réis, de 600 réis, etc. A contabilidade atual exige uma gradação certa: mil-réis, mil e quinhentos, dois mil-réis, dois mil e quinhentos, três, quatro, cinco, seis, oito, dez, quinze, vinte, etc. O das grandes barbas ajuntou um bom pecúlio; mas por que levou o segredo para a sepultura? Por que não imprimiu e

³ “Mas estas coisas [futuras] assentam sobre os joelhos dos deuses”. – *Ilíada*, XX, 435. (HOMERO, 2013, p. 571)

⁴ cólera-morbo] cholera-morbus – em GN; cólera-mórbus – em SEM1953. *O vocabulário ortográfico da língua portuguesa* registra as formas “morbo”, “mórbus” e *morbus*, mas atualiza o nome composto “cólera-morbo”.

distribuiu a fórmula? Agora, se tal moléstia cá voltar, teremos de inventar outra coisa, que terá a novidade por si, é verdade, mas a velhice também recomenda.

Vede Ayer. Há quantos anos este homem, com um simples peitoral e umas pílulas, tem restituído a saúde ao mundo inteiro! Conheci-lhe o retrato moço; agora é um velho. Mas os anos não têm feito mais que desenvolver os efeitos da invenção. Ayer chega a servir naquilo mesmo que não cura: a angina diftérica. “Quando se descobrem os primeiros sintomas da doença (diz o *Manual de Saúde*, de 1896⁵), e enquanto o médico não chega, a garganta deve ser gargarejada ou pintada com sumo puro de lima ou de limão. Produz também efeito o pó de enxofre assoprado na garganta. Pode também dar-se com vantagem uma dose alta de peitoral de cereja, do Dr. Ayer. Depois da angina diftérica, tome-se a salsaparrilha do Dr. Ayer, para remover da circulação o vírus da doença e reconstituir o sistema.” Um chapeleiro do Texas confirma isto, escrevendo que, depois de curado da angina, ficou com a garganta em mau estado, constipava-se a miúdo, e receava que a doença tornasse; experimentou o peitoral de Ayer, ficou bom e perdeu o medo. Whartenberg chama-se este chapeleiro.⁶ Quem sabe se o chapéu que trago, não saiu das mãos dele, aos pedaços, para ser depois composto e vendido aqui?⁷

Suponhamos que o imposto alto recaia no peitoral e nas pílulas do Dr. Ayer. Não examinei este ponto; mas a conclusão é interessante. Whartenberg continuará a mandar-nos os seus chapéus, aos pedaços, e nós não poderemos ingerir o peitoral que restituiu a saúde a Whartenberg. Estudem isso os competentes; eu passo à organização do partido democrático federal.⁸

Segundo li, contrapõe-se este partido ao republicano federal, para formar os dois partidos necessários “ao livre jogo das instituições”, segundo dizem os publicistas. Eu

⁵ *Manual de Saúde*, de 1896] *Manual de Saúde*, de 1896 – em GN; *Manual de Saúde*, de 1869 – em SEM1953. A data de publicação (1896) do *Manual de saúde*, que vem na *Gazeta*, deve estar correta, embora a crônica seja de 22 dez. 1895. O *Manual* era publicado anualmente – parece-nos que a edição de 1896 foi publicada no fim do ano anterior (1895).

⁶ Gustavo Franco (2007, p. 201) observou que Machado tinha certo prazer em citar, em suas crônicas, o *Manual de saúde* do dr. Ayer, que era publicado anualmente desde a década de 1830. Nesta passagem, o cronista parafraseia o seguinte trecho do *Manual*: “Logo no começo desta doença e enquanto o médico não chega a garganta deve ser pintada com sumo de limão o qual pode também ser gargarejado. É igualmente de grande benefício assoprar enxofre na garganta. Depois do garrotinho [angina diftérica] deve tomar-se SALSAPARRILHA DO DR. AYER para remover do sangue a matéria infectante que entrou na circulação.” (AYER, 1893, p. 18) Na edição em português do *Manual de saúde* (1893) não encontramos referência ao chapeleiro texano Whartenberg, a que Machado de Assis se refere, mas, na edição de 1895 do *Manual* (AYER, canadian edition, 1895), nós a localizamos (ver ilustração ao final da crônica).

⁷ Que os chapéus comercializados no Brasil eram apenas montados aqui, vindo as peças já cortadas do exterior, constata-se no discurso pronunciado em 1886 por Martinho Álvares da Silva Campos (1817-1887) – senador por Minas Gerais de 1882 a 1887. Em seu discurso argumentou ele: “a maior [indústria] que há no Rio de Janeiro é dos chapéus de cabeça, e afinal aqui só se ornam, vindo já cortados da Europa.” (Cf. *Jornal do Commercio*, p. 1, col. 5, 2 out. 1886)

⁸ Segundo a *Gazeta de Notícias*, o nome do novo partido era “Partido Republicano Democrático”. Ver nota 1.

julgo as coisas pelas palavras que as⁹ nomeiam, e basta ser partido para não ser inteiro. Assim, por mais vasto que seja o programa do partido republicano federal, não podia conter todos os princípios e aspirações, alguma coisa ficou de fora, com que organizar outro partido. A regra é que haja dois. O dia faz-se de duas partes, a manhã e a tarde. O homem é um composto de dualidades. A principal delas é a alma e o corpo; e o próprio corpo tem um par de braços, outro de pernas, os olhos são dois, as orelhas duas, as ventas duas. Finalmente, não há casamento sem duas pessoas.

Pode haver casamentos de três pessoas, mas tal casamento é um triângulo. Não confundam com o nosso triângulo eleitoral. Repito o próprio nome que lhe dá Ibsen,¹⁰ ou antes um dos seus personagens. Os Estados Unidos da América, com o seu jovem partido *populist*, já estão de triângulo, e a Inglaterra também com o partido irlandês; dado que este fique desdobrado em parnelistas e não parnelistas,¹¹ haverá quatro, e será o caso de dançarem uma quadrilha, como dizia outro dramaturgo, Dumas,¹² também pela boca de um dos seus personagens, falando de mulheres. Os partidos franceses, se levarmos em conta as indicações dos seus lugares na câmara, chegam a dançar uma quadrilha americana.

Entre nós a quadrilha, mais que americana, americaníssima, poderá entrar em uso, se convertermos os partidos em simples bancadas, desde a bancada mineira até a bancada goiana. Seria um desastre. Antes o triângulo, se vingar o partido monarquista. Se não, fiquemos com a simples valsa, o varão e a dona enlaçados, ele vestido de autoridade, ela toucada de liberdade, correndo a sala toda, ao som da orquestra dos princípios.



⁹ as] os – em GN. Aurélio Buarque de Holanda corrigiu.

¹⁰ Henrik Johan Ibsen (1828-1906), dramaturgo norueguês em cujas obras há “situações triangulares”. Segundo Gustavo Franco (2007, p. 203), Machado de Assis parece referir-se ao personagem Brack [em *Hedda Gabler*] – juiz que, diante da complexa situação criada por Hedda, sentencia: “É um triângulo!”

¹¹ Charles Stewart Parnell (1846-1891), líder nacionalista irlandês que, em 1885, conseguiu derrubar o partido conservador de Gladstone, na Inglaterra. (Cf. FRANCO, 2007, p. 99)

¹² Não identificamos a obra de Alexandre Dumas (Filho?) a que Machado de Assis se refere.

Ayer's Cherry Pectoral is recommended as a speedy specific for this dangerous disease." — E. T. HARRISON, New York City.

"I have much pleasure in stating that during the late epidemic of influenza, or la grippe, Ayer's Cherry Pectoral operated with such admirable effect that it saved the lives

**FOR
YOUNG
AND OLD**

of many persons, both young and old. The inestimable value of this great emergency medicine was especially demonstrated in places where the services of a physician could not be procured." — JOSÉ E. ALVAREZ, pharmacist, City of Mexico, Mexico.

Croup

commences with restlessness, which, in a few hours, is followed by a wheezing in the throat and hoarseness, a croupy, ringing, rattling cough, accompanied by loud and difficult breathing. Membranous croup can be distinguished by grayish patches in the throat.



In such cases, unless the treatment be prompt and energetic, the false membrane will fill the windpipe and shut off the supply of air to the lungs. Send for the doctor without delay. While waiting

his coming, administer an emetic of mustard-and-water, ipecac, or other simple means at hand, and as soon as this has operated, give AYER'S CHERRY PECTORAL in doses of 5 to 15 drops, hourly. Wet, with cold water, a strip of cotton cloth, 4 inches wide and 18 inches long; wring it dry as possible, and wind it loosely around the throat, covering with two or three thicknesses of dry flannel. Anoint the chest and back with camphorated oil. Hot poultices of flaxseed meal, mullein leaves, or hops may also be applied to the chest. When the alarming symptoms of the disease have been subdued, the PECTORAL may be given every two or three hours, until morning, or until the physician arrives.

"I consider Ayer's Cherry Pectoral to be one of the best medicines there is, and it seems as if we should not be able to bring up a family without it. We have used it when-

ever our children were attacked with croup, and it has never failed to give relief."—G. A. HULL, agent for M. P. R. R., Warsaw, Mo.

"Ayer's Cherry Pectoral saved my child's life in an attack of croup. Since then, I have used this remedy in throat and lung troubles, and always with the most satisfactory results."—G. H. FRANKLIN, Bedford Springs, Va.

**ALWAYS
USE IT**

Diphtheria

requires the immediate attention of a reliable and skillful physician. When the first symptoms of the disease are discovered, and until the services of a physician can be secured, the throat should be either painted or gargled, at short intervals, with pure lime or lemon juice. Benefit may also be derived from powdered sulphur blown into the throat. A full dose of AYER'S CHERRY PECTORAL may also be given with advantage. After Diphtheria, to remove from the blood the poisons which have entered into the circulation, and to build up the system, take AYER'S SARSAPARILLA.

"Some time since, I suffered a severe attack of diphtheria, which left my throat in a very bad condition. I was continually taking cold and fearing a return of the dread disease. Finally, I tried

**COMMENDS
IT HIGHLY**

Ayer's Cherry Pectoral, and it strengthened my throat, so that now it is perfectly healthy. I cannot commend this preparation too highly."—J. WHARTENBERG, hatter, 1109 Congress St., Houston, Texas.

Whooping Cough

is an infectious disease, peculiar to childhood. Administer AYER'S CHERRY PECTORAL in doses of 5 to 15 drops, three to four times daily.

"While at college in Pittsburgh, Pa., I was taken with whooping cough, the paroxysms being extremely severe. Knowing the reputation of Ayer's Cherry Pectoral, I procured a bottle of this preparation, and before I had taken it all, the cough was cured."—J. D. PIRRONG, ex-senator, Wewahitchka, Fla.

**CURED
QUICKLY**

To preserve the peculiar flavor and delicate qualities of AYER'S CHERRY PECTORAL, keep it in a dark place or in its wrapper.

AYER'S CHERRY PECTORAL is prompt to act, sure to cure. Sold by all Drug-gists everywhere.

Almanaque Ayer

FONTE: *Ayer's american almanac*. (canadian edition) 1895, p. 32.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.
SEM1953 – *A Semana*, 1953, 3v.

Referências

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXI, n. 356, p. 1, 22 dez. 1895. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=13285>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

AYER, J. C. *Manual de saúde*. Estados Unidos: Lowell Mass, 1893. Disponível em:
<<http://wifi.lencoispaulista.sp.gov.br/xmlui/bitstream/handle/1/185/Manual%20de%20saude%20do%20Dr.%20Ayer%20%5b1893%5d.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>.

AYER, J. C. *Ayer's american almanac*. (canadian edition). Estados Unidos: Lowell Mass, 1895.

DUMAS, Alexandre. *Mes mémoires*. Paris: M. Lévy Frères, 1863. t. 5.

DUMAS FILS, Alexandre. *Péchés de jeunesse*. Paris: Fellens et Dufour, 1847.

DUMAS FILS, Alexandre. *Le fils naturel*: comédie em cinq actes. *Oeuvres complètes*. Paris: Calmann Lévy, 1879.

FRANCO, Gustavo H. B. *A economia em Machado de Assis: o olhar oblíquo do acionista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KAMPF, Martin Normann. *Ilha da Trindade: a ocupação britânica e o reconhecimento da soberania brasileira (1895-1896)*. Brasília: FUNAG, 2016. Disponível em: <https://funag.gov.br/biblioteca-nova/produto/1-254-ilha_da_trindade_a_ocupacao_britanica_e_o_reconhecimento_da_soberania_brasileira_1895_1896>.

SATIN, Ionara. *As musas clássicas ao rés-do-chão: as epopeias de Homero e Virgílio em “A Semana” de Machado de Assis (1892 a 1897)*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/94056>>.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.